



FPAS CELEBRA 40 ANOS DE EXISTÊNCIA

ENTREVISTA COM O PRESIDENTE, DAVID NEVES

PRESIDENTE DA FPAS, DAVID NEVES

A FPAS, Federação Portuguesa de Associações de Suinicultores, celebrou 40 anos de existência, que se têm traduzido num trabalho intenso, profícuo e meritório em prol da suinicultura portuguesa.

Nesse sentido, e como forma de assinalar este importante marco da organização, a Espaço Rural entrevistou o recém-eleito Presidente da FPAS, Davis Neves, abordando um conjunto de questões importantes como o papel da FPAS no apoio ao desenvolvimento da suinicultura, o Roteiro para a Sustentabilidade Ambiental para a Suinicultura, a definição do PEPAC, a importância do sector agropecuário para a economia nacional, a justa valorização da produção, algumas das prioridades e dos objetivos futuros da Federação, entre outras.

1 A FPAS celebra este ano 40 anos de existência, que consubstanciam numa longa história, certamente com muitas dificuldades e conquistas. Que balanço faz destes 40 anos da Organização que preside e como caracteriza o atual papel da FPAS no apoio ao sector da suinicultura?

Esta é uma história de muita luta, algumas derrotas mas, sobretudo, de muitas vitórias, que se confunde com a própria história da suinicultura portuguesa. É impressionante o caminho que foi percorrido pela FPAS ao longo destes 40 anos. Só com o empenho de todos os que passaram por esta Federação, foi possível fazer desta casa uma organização forte, capaz de representar um sector que cresceu, renovou-se e, hoje em dia, é um dos pilares da economia nacional.

Houve períodos muito complicados na suinicultura nacional e a FPAS esteve sempre ao lado, defendendo os suinicultores junto do poder político nacional e europeu, obtendo acordos que permitiram

revitalizar um sector que, de outra forma, podia ter desaparecido.

Juntos somos mais fortes e, não há dúvida, de que a união dos nossos associados e a dedicação de quem liderou a FPAS fez com que fossem alcançadas metas estratégicas para a sobrevivência da suinicultura nacional.

2 Tomou posse como Presidente da FPAS em maio deste ano. Quais são os grandes objetivos e prioridades traçadas que gostaria de alcançar no decorrer deste mandato?

Quando aceitei a nomeação de Presidente da FPAS sabia que tinha pela frente grandes desafios. A sustentabilidade da suinicultura em plena crise pandémica, frente a um cenário de escalada de campanhas negativas dirigidas contra o sector agropecuário, obriga, cada vez mais, a colocar o sector suinícola na agenda mediática e política.

Este mandato surge também no biénio anterior à entrada em vigor da nova PAC, que traz consigo novos e grandes desafios à produção suinícola assumidos na agenda *Farm to Fork*, a par de outras áreas estratégicas como a promoção da suinicultura e a exportação.

Tenho por lema não baixar os braços face às contrariedades e estes próximos dois anos são fundamentais para colocar o foco em temas tão urgentes como a sustentabilidade ambiental da atividade, a defesa da reputação do sector da Suinicultura, o aumento da autossuficiência, a promoção do bem-estar animal, o reforço das exportações e a abertura a novos mercados e os entendimentos da fileira em matérias como a comunicação e a internacionalização.

Será também um ciclo de continuidade dos importantes projetos que foram iniciados no mandato anterior, como a operacionalização do Centro Tecnológico para a Suinicultura, o desenvolvimento do Roteiro Ambiental e a implementação da Certificação em Bem-Estar Animal, projeto desenvolvido no âmbito da FIL-PORC – Organização Interprofissional da Fileira da Carne de Porco.

Mas sem dúvida que o desafio ambiental continuará a ser a prioridade máxima da FPAS, que deve ser, cada vez mais proativa no encontro de soluções para a fileira que respondam com sustentabilidade a este desafio, para que todos possamos garantir o futuro das novas gerações, através de uma produção

cada vez mais eficiente, que produza mais com menos, para ser capaz de alimentar o crescimento da população mundial sem esgotar o planeta.

Estas são apostas prementes de todo o sector, que está empenhado numa maior sustentabilidade do planeta para garantir a viabilidade da produção e vida humana.

3 A FPAS assinou o “Roteiro para a Sustentabilidade Ambiental para a Suinicultura”. Quais os grandes objetivos desta iniciativa?

O Roteiro Ambiental, assinado a 18 de maio, é uma parceria entre a FPAS, o Instituto Superior de Agronomia, a Universidade de Évora e a Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro. Trata-se de um documento estratégico para a

Entendo ser fundamental que o PEPAC valorize os métodos sustentáveis de produção, seja pela promoção da transição tecnológica na agricultura, pela valorização de processos de certificação credíveis e com monitorização à escala nacional. E, no caso concreto da produção animal, estímulos para a melhoria dos padrões de bem-estar animal, redução do uso de agentes antimicrobianos e inovação ao nível da alimentação animal.

suinicultura no Horizonte 2030, que tem por missão o desenvolvimento sustentável do sector primário, convergente com os princípios da economia circular, através da elaboração de um Roteiro para a Sustentabilidade Económica e Ambiental das explorações suinícolas.

Com a coordenação geral assumida pela FPAS, o Roteiro vai permitir o desenvolvimento de atividades de cooperação no domínio da assessoria técnica; a congregação das competências existentes entre as várias entidades nas

áreas identificadas nos Planos de Ação que forem estabelecidos no âmbito do Protocolo de Parceria; o estabelecimento de redes no estudo sobre as práticas ambientais em suinicultura, identificando medidas de adaptação; a participação em projetos de investigação científica; e participação em projetos de desenvolvimento experimental.

Com isto, este protocolo vai permitir ao sector da Suinicultura nacional avançar cada vez mais no sentido de uma maior sustentabilidade ambiental, em continuidade com o esforço alcançado nos últimos anos, que permitiu uma redução significativa da utilização dos recursos naturais como, por exemplo, a redução do consumo de água.

Os suinicultores nacionais caminham no sentido de um uso da água cada vez mais eficiente. É com orgulho que o sector pode dizer que este uso eficiente da água permitiu, até ao momento, atingir números bastante positivos, nomeadamente uma redução superior a 50% do uso de água nos últimos anos, o que resulta que, em termos médios, um suíno na fase de engorda consome cerca de 700 litros de água, ou seja, 6 litros de água por dia.

Para já, estão identificados estes seis planos de ação nos quais intervirão os quadros académicos mais especializados do país nessas matérias. Iremos atuar nas áreas da gestão de efluentes, monitorização de emissões, valorização bioenergética, gestão da água, alimentação animal e impacto económico associado às medidas estabelecidas pelo Roteiro nas restantes cinco áreas.

4 A valorização agrícola ou valorização orgânica como destino preferencial para os efluentes pecuários tem sido um dos caminhos apontados, sendo que, inclusivamente, na nova ENEAPAI, também este caminho é apontado como principal prática para o destino dos efluentes. Em seu entender este é um caminho importante que tem de ser feito e o que é necessário para que o mesmo se torne uma realidade e veja a sua implementação facilitada?

A valorização agrícola é o caminho que desde sempre defendemos como solução para resolver os problemas que encontramos com os efluentes pecuários. Nesse sentido, comungamos plenamente dos princípios de várias peças legislativas e estratégias governamentais, desde a

portaria que regula a gestão de efluentes, à ENEAPAI, passando pela diretiva tetos. O que nos causa perplexidade é a dissonância cognitiva que encontramos na área governativa que tutela o ambiente, bem como na administração pública a ela afeta que, se por um lado assume a valorização agrícola como prioritária no destino a dar ao efluente pecuário, ao mesmo tempo proíbe onde devia restringir, refugiando-se em pareceres técnicos que contrariam as pretensas intenções políticas.

Este assincronismo tem literalmente tirado anos de vida ao sector e urge implementar uma estratégia que saia do papel.

Da parte da FPAS, para além dos contributos que temos dado ao longo dos vários anos, pretendemos que o Roteiro Ambiental também se constitua como um elemento técnico-científico de apoio às decisões políticas da parte das tutelas e, simultaneamente, às decisões de gestão por parte dos suinicultores.

5 O que seria importante no que respeita à aplicação da PAC em Portugal no período de transição e na

Estamos a trabalhar no sentido de abrir outros mercados. Estas aberturas vão permitir reforçar a sustentabilidade da suinicultura nacional, reduzindo a dependência da China, ao mesmo tempo que procuramos aumentar a autossuficiência.

definição do Plano Estratégico da PAC (PEPAC) para o período 2023-2027?

Seria importante que a nova PAC refletisse de forma equilibrada a agenda da Comissão para a próxima década. Como sabemos, a estratégia *Farm To Fork* pretende transformar radicalmente o paradigma da produção europeia. Os objetivos de sustentabilidade são

prementes e, quanto a isso, estamos perfeitamente alinhados com a urgência da ação no que diz respeito ao uso eficiente dos recursos naturais, mas será sempre necessário equilibrar esta estratégia com os objetivos de competitividade da produção agrícola europeia, sob pena de virmos a estagnar modelos produtivos mais sustentáveis, como o europeu, privilegiando bacias de produção onde os métodos são mais questionáveis em matérias como o bem-estar, o ambiente e os processos de qualidade.

Por isso, entendo ser fundamental que o PEPAC valorize os métodos sustentáveis de produção, seja pela promoção da transição tecnológica na agricultura, pela valorização de processos de certificação credíveis e com monitorização à escala nacional, rejeitando assim qualquer tipo de certificação europeia que invariavelmente irá incorporar técnicas viáveis em determinadas realidades (como os países nórdicos), mas impraticáveis nos países mediterrânicos e, no caso concreto da produção animal, estímulos para a melhoria dos padrões de bem-estar animal, redução do uso de agentes antimicrobianos e inovação ao nível da alimentação animal.

Creio que no concreto são estes os eixos que consideramos prioritários, sob pena das agendas europeias resultarem num empobrecimento generalizado da produção primária.

6 A colocação dos produtos no mercado e a consequente valorização justa dos mesmos constitui um desafio constante para o sector da suinicultura. A abertura de novos mercados e a autossuficiência em valor constituem um pilar importante no reforço e na sustentabilidade do sector?

No primeiro semestre deste ano, e comparando com o período homólogo do ano passado, Portugal aumentou o seu volume de negócios externos em 10,8%. Este crescimento da suinicultura portuguesa permitiu que, na primeira metade do ano, se atingisse, pela primeira vez, um saldo da balança comercial (SBC) portuguesa inferior a 100 milhões de euros negativos, continuando a tendência ininterrupta de melhoria do SBC iniciada em 2019, com as importações semestrais em linha com as registadas nos anos anteriores.

Em termos relativos, Portugal foi o 12.º país que mais exportou carne de porco

para países terceiros no contexto da União Europeia no primeiro semestre, sendo assim o segundo melhor semestre de sempre, apenas superado pelo segundo semestre de 2020, no conjunto dos últimos seis anos.

Considerando os principais países



terceiros com os quais Portugal se relaciona no comércio de carne de porco, pela primeira vez a China foi o principal importador, com um aumento de 169,7% do volume de negócios gerado pela carne com origem em Portugal e destino a este país asiático.

Outros dos principais importadores continuam também, como Angola, Cabo Verde, Japão e Suíça.

Contudo, neste momento, estamos a trabalhar no sentido de abrir outros mercados, nomeadamente asiáticos como o Vietname ou as Filipinas, um processo liderado pela FILPORC. Estas aberturas vão permitir reforçar a sustentabilidade da suinicultura nacional, reduzindo a dependência da China, ao mesmo tempo que procuramos aumentar a autossuficiência. Do lado das importações, no primeiro semestre do ano registou-se uma descida de 21,7% em comparação com o período homólogo, totalizando-se o valor de 87,5 milhões de euros em importações. Esta é a trajetória que pretendemos continuar a seguir.

7 O Sector agropecuário tem assumido um papel crescente na economia nacional, perfeitamente notório no con-

texto de Pandemia que atravessamos. Como avalia o papel que este sector desempenha e deve desempenhar em termos económicos e sociais a nível nacional?

A suinicultura é um sector estratégico para a economia nacional. Disso não há dúvida nenhuma. Em 2019, num cenário pré-pandémico, esta representava 7,8% do total da produção agrícola portuguesa, de acordo com as Contas Económicas da Agricultura 2019, do INE. Em 2020, ainda de acordo com o mesmo Instituto, o valor da produção suinícola representou 8% de toda a produção agrícola nacional. Há ainda que considerar os restantes sectores associados, como a indústria das rações, matadouros, produtos transformados, etc. Só em indústrias carnes de suíno, por exemplo, falamos de 368, número apurado pelo Sistema de Informação do Plano de Aprovação e Controlo dos Estabelecimentos, da Direção-Geral de Alimentação de Veterinária (DGAV). Para percebermos o cenário atual, é preciso recuar até 2019, num quadro pré-pandémico, em que a faturação da fileira representou cerca de 2 mil milhões de euros. Já em 2020, em plena crise económica e face a todos os constrangimentos da pandemia, o sector conseguiu somar 1,2 mil milhões de euros, em acumulado do valor da produção e da indústria, contrariando assim a tendência da economia nacional. Só com muita resiliência e esforço contínuo de quem trabalha no sector permitiu-se alcançar estes valores positivos.

Já no que respeita a 2021, os primeiros seis meses do ano bateram recordes e foram indicadores da importância que a fileira da carne de porco tem na economia nacional, com um volume de negócios na ordem dos 911 milhões de euros.

Este é já considerado como o melhor período de sempre em termos de desempenho das exportações nacionais suinícolas. Embora as cotações agrícolas do SIMA apenas tenham a indicação do valor das exportações desde 2015, é possível concluir, por extrapolação com os volumes exportados, que o primeiro semestre de 2021 foi a altura em que mais se exportou porco, carne e seus derivados.

Este dado é de grande realce tendo em conta as circunstâncias vividas desde o primeiro semestre de 2020. Em termos homólogos, Portugal aumentou o seu volume de negócios externos em 10,8%.

O crescimento da suinicultura portuguesa permitiu que, na primeira metade do ano, se atingisse, pela primeira vez, um saldo da balança comercial portuguesa inferior a 100 milhões de euros negativos, continuando a tendência ininterrupta de melhoria do SBC iniciada em 2019, com as importações semestrais em linha com as registadas nos anos anteriores.

8 Sente que essa importância é devidamente reconhecida pelos diversos quadrantes da sociedade?

Infelizmente não. E disso é prova os ataques que são dirigidos constantemente contra o sector agropecuário, em parti-

Em relação aos suinicultores, a mensagem é de que o caminho é produzir cada vez mais com menos. A sustentabilidade ambiental deve ser a meta prioritária para cada um de nós. Queremos continuar a crescer e, para isso, é fundamental que se consiga fazê-lo usando os menores recursos possíveis.

cular contra a suinicultura. Assistimos, hoje em dia, a um maior distanciamento entre a população urbana e a realidade rural. O afastamento dos consumidores e dos decisores políticos em relação aos sectores de produção é visível e faz-se sentir sobretudo na hora de assumir a defesa daqueles que produzem e alimentam a população.

Durante a pandemia, quando o resto do país estava confinado, o sector agropecuário continuou a trabalhar, dia e noite, para que nada faltasse à mesa dos portugueses.

A nossa missão de alimentar o mundo não é reconhecida e embora a realidade hoje em dia seja muito diferente dos métodos que se praticavam há algumas décadas, prevalece o preconceito e a ideia errada de que a suinicultura é poluente ou que não respeita os direitos dos animais.

Talvez por isso seja desconsiderada e não devidamente valorizada, não só pela importância que tem na economia nacional, mas também na fixação de pessoas nos meios rurais. Quando assistimos a uma desertificação do interior de Portugal, estas atividades são fundamentais para a própria sobrevivência do país. E isso, muitas vezes, não é reconhecido, inclusive por quem contacta diretamente com o sector.

9 Como avalia a relação da FPAS com a CONFAGRI?

Tem sido uma relação aberta, próxima e, acima de tudo, profícua. Sempre exigente de parte a parte, mas também tem sido esse o "segredo" do sucesso da relação. Desde a nossa representação em Bruxelas onde temos tido todo o apoio da representação permanente da CONFAGRI, à participação em vários grupos de trabalho a nível nacional onde a CONFAGRI nos integra, passando pelos eventos e o apoio da CONFAGRI aos projetos da FPAS, a parceria entre as duas organizações é praticamente diária e creio que a qualidade do trabalho das duas instituições melhora com essa proximidade.

10 Que mensagem gostaria de deixar a todos os suinicultores e consumidores?

Antes de mais, e dirigindo-me a todos os consumidores, comprem o que é português. Respeitem as mulheres e os homens que trabalham diariamente para produzir alimentos e tenham toda a confiança no que é produzido no nosso país.

Felizmente, podemos-nos orgulhar de que em Portugal são aplicadas as melhores práticas sanitárias e pecuárias. A carne de porco e derivados são de alta qualidade, e é com toda a segurança que devem continuar a consumir e a exigir o selo português.

Em relação aos suinicultores, a mensagem é de que o caminho é produzir cada vez mais com menos. A sustentabilidade ambiental deve ser a meta prioritária para cada um de nós. Queremos continuar a crescer e, para isso, é fundamental que se consiga fazê-lo usando os menores recursos possíveis. ●